

HISTÓRIA TAMBÉM É PARA SE ESCREVER - TEMPO E MEMÓRIA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO DE PROFESSORES E ALUNOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Profª. Dra. Janete Flor de Maio Fonseca
flormaio@ufop.edu.br
<http://lattes.cnpq.br/2640122252095859>

Profª. Ms. Mary Francisca Guimarães
profmaryfranciscaguimaraes@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/7123762590729318>

Resumo

Este texto é uma reflexão sobre o curso sobre Tempo e Memória que ministramos em 2008, pelo NEJA - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura de Belo Horizonte para contribuir na construção das proposições curriculares para o Ensino Regular Noturno (ERN). O que era um curso de formação, se transformou numa grande oportunidade de conhecermos melhor as iniciativas e os projetos ensino dos professores municipais utilizando a metodologia da História Oral.

Palavras-Chave: História – Tempo – Memória – Ensino de História.

Abstract

This text is a reflection on the course on Time and Memory that we taught in 2008, by NEJA - Youth and Adult Education Center of the City of Belo Horizonte to contribute to the construction of curricular proposals for Regular Night Teaching (ERN). What was a training course turned into a great opportunity to learn more about initiatives and teaching projects for teachers using the methodology of Oral History.

Keywords: History - Time - Memory - History teaching.

HISTÓRIA ORAL – DA REVISÃO TEÓRICA

A PROPOSTA DE TRABALHO EM SALA DE AULA

Ao pensarmos em tempo e memória, imediatamente os associamos ao conhecimento histórico do qual são imprescindíveis para refletirmos sobre nossa identidade, nossas lembranças, nosso sentimento de pertencimento a uma comunidade, a um grupo, a uma

Nação. Nesse sentido, esses dois elementos nos levam a nos pensar enquanto indivíduos que possuem vida privada e coletiva, elementos que se cruzam e nos permitem nos conhecer melhor e aos outros. Porém, como isso é possível sem compreendermos melhor as cidades em que vivemos? Sem identificarmos nossa produção cultural em sua diversidade através da escrita, da oralidade e da produção audiovisual? Como podemos pensar em nossas lembranças desvinculadas do mundo do trabalho e da tecnologia? Enfim, é impossível desenvolver um trabalho sobre o tempo e a memória se este não tiver como base uma relação interdisciplinar com outros saberes, dialogando com outras linguagens e propondo projetos coletivos.

Em 2008, fomos convidadas pelo NEJA - Núcleo de Educação de Jovens e Adultos da Prefeitura de Belo Horizonte para contribuir na construção das proposições curriculares para o Ensino Regular Noturno (ERN). Nossa primeira dúvida era: por que era caro aos professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, e não apenas para os professores de História, trabalhar com o tempo e a memória? Para nossa surpresa e alegria verificamos que a escolha do eixo se autoexplicava pela existência de um trabalho docente vigoroso e solitário com práticas educativas e projetos de ensino relacionados à memória de grupos que já vinham sendo desenvolvidos nas escolas da Rede Municipal, por vezes, de modo isolado e limitado à sala de aula, e que precisavam urgentemente serem sistematizados, divulgados e, principalmente, valorizados como uma prática inovadora e produtora de conhecimento. Foram nas oficinas de formação sobre tempo e memória realizadas no segundo semestre de 2008 que nos encontramos com esses professores cujas demandas centrais eram desenvolverem trabalhos com a memória individual e coletiva, as chamadas histórias de vidas, cuja fundamentação se daria através da metodologia da História Oral. E lá estavam professores de História, Geografia, Português, Ciências, Matemática, Artes, todos interessados em desenvolver projetos que relacionassem tempo e memória. Essa era uma temática que falava muito sobre o início do século XXI.

Segundo Stuart Hall (2000), o século XXI nasceu sob a égide da globalização e da revolução das tecnologias de informação. Neste cenário passou a existir cada vez mais uma tensão entre o global e o local. Interconectados, nos deparamos com uma implosão da antiga noção de fronteira, o que por um lado ampliou o perigo de uma homogeneização cultural, enfraquecendo as diferenças e distinções culturais formadoras das identidades, por outro desenvolveu uma fascinação, até mesmo mercadológica, pela diferença,

levando ao interesse sobre a etnia e a diversidade. Esse interesse pela diferença se fez aliado de uma nova perspectiva para pensarmos a memória, como elemento essencial a compreensão de quem somos e como nos relacionamos com o mundo. Mas nem sempre a memória foi associada à diversidade dos grupos. Maurice Halbwachs, em seu clássico texto *Memória Coletiva* (1956), desenvolveu a noção que a memória social se constituiria na memória coletiva, ou seja, aquilo que é comum ao grupo e o diferencia dos outros, criando um sentimento de pertencimento associado à formação de fronteiras socioculturais. Para Halbwachs, o sentimento de pertencimento estabelecido junto a uma comunidade afetiva definiria identidades e excluiria aqueles estranhos a essa tradição. A memória coletiva se confundiria com a memória nacional, estabelecendo pontos de referências como monumentos e museus onde a memória poderia ser ativada ou reconhecida. Se Halbwachs inaugura os estudos sobre a memória coletiva, sua análise se limitou a associar a memória à nação, desconsiderando grupos ou indivíduos que não se adequaram a um projeto oficial.

Já Pierre Nora (1984), herdeiro da geração de *Annales* que promoveu a história-problema, crítica, com novos objetos e abordagens, vê a história como conhecimento sobre a memória de variados grupos. Para Nora, a aceleração do tempo, promovida pela revolução industrial acabou por esfacelar as memórias grupais, o que foi legitimado pelo desenvolvimento de uma história nacional, por isso defende a necessidade de constituição de lugares da memória, cujo valor simbólico ou funcional nos permitiria conhecer e vivenciar as diversas memórias de grupos. Esse é o caso das cidades, pois nelas encontramos um amplo repertório de espaços e objetos biográficos que nos contam sobre homens e mulheres e nos dão a impressão de um registro de suas histórias de vidas. (BOSI, 1994)

Porém, sabemos que o controle sobre a memória não é algo inocente, e sim uma questão política importante, assim, nos cabe observar as chamadas áreas de conflito nas quais, segundo Michel Pollack (1989), não há estabilidade e, memória e silêncios se digladiam. Ao contrário de Halbwachs, Pollack critica a existência de uma história oficial calcada na homogeneização das memórias coletivas, e defende o estudo das “Memórias Subterrâneas” tão fortemente silenciadas e assim submetidas a uma ameaça de esquecimento. Pollack argumenta que através da oralidade lembranças foram guardadas em estruturas não formais e assim, não percebidas, se mantiveram preservadas da ação da

memória coletiva, organizada pelo Estado e legitimada pelas elites sociais. Essa mesma oralidade, recuperada, traria a superfície lembranças esquecidas, promovendo uma socialização da memória dos diversos grupos, pois:

“Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos, é preciso também que ela tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstituída sobre uma base comum.” (POLLOCK, p.2)

Segundo Pollak, a sociedade se dividiria entre o dizível e o indizível - de um lado a memória coletiva organizada como uma imagem que a sociedade majoritária e o Estado desejam impor. Do outro lado a sociedade civil, nem sempre dominada e formada por uma variedade de grupos específicos, que possui em silêncio uma memória subterrânea que necessita vir à tona. A memória compartilhada é assim uma operação coletiva dos acontecimentos que, na tentativa de definir e reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras vai estabelecendo quadros e pontos de referência para o contato entre grupos diversos. Promover projetos que façam submergir e compartilhar essas memórias silenciadas é ao mesmo tempo a oportunidade de desenvolver a cidadania junto a grupos populares, além de reconhecer a sua identidade e o seu patrimônio. É na oralidade que estes grupos reforçam seus sentimentos de pertencimento, sua autoestima e se sentem preparados para organizarem suas mais variadas reivindicações.

É a história oral a prática metodológica em que encontramos um estímulo para produção de registros de memória. Para Paul Thompson (1992), ela recuperaria a função social da história uma vez que daria voz aos grupos marginalizados pela história oficial, promovendo o trabalho coletivo entre professores, alunos e comunidade, aprimorando a função da escuta e fazendo uso de novas tecnologias. Assim

“Não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na

produção da história – seja em livros, museus, rádios ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.”
(THOMPSON, 1992, p.22)

Projetos de história oral incentivam, assim, o reconhecimento do cotidiano como carregado de significados imperceptíveis na correria rotineira, além de promover um conhecimento melhor sobre a comunidade em que vivemos. Ao mesmo tempo, colocam em destaque novos personagens sociais antes vistos à margem da comunidade, como é o caso dos idosos, dos trabalhadores manuais, das donas de casa. As memórias de família são recuperadas através de lembranças e objetos biográficos que permitem não apenas a aproximação de gerações como também uma maior confiança para quem fala¹. É por tudo isso que Thompson (2006) afirma que a história oral é vista como parte essencial do nosso patrimônio cultural, pois estimula as comunidades, grupos étnicos e bairros a identificar, catalogar e compartilhar seu patrimônio junto a crianças e jovens.

Outro aspecto importante no uso da história oral é a sua relação com a cultura popular. Segundo Antônio Montenegro (2007), as camadas populares diante da pobreza material produzem uma cultura distinta da oficial. É através da valorização dos seus relatos que a história oral recupera a historicidade dos grupos, reconhecendo e compartilhando o saber que foi construído na dramaticidade de sua condição, e que lhes possibilita, segundo o autor, viver no avesso da vida. Estes relatos e saberes encontrarão espaço de divulgação na mídia alternativa dos sindicatos, associações, igrejas, partidos e por que não, escolas. É nesse processo que vêm se organizando memórias de grupos étnicos e comunidades numa tentativa de não apenas preservar seu patrimônio cultural, mas fortalecerem estratégias de luta.² Ao mesmo tempo procuram estabelecer uma memória em rede com outros grupos, fortalecendo a então fragmentada informação sobre as culturas populares, e assim promovendo novos laços de solidariedade. (SEVECENKO, 2006).³

¹ É interessante nesse sentido verificar os projetos de História Oral como alguns do LAHO – Laboratório de História Oral da UNICAMP ou o projeto “Agentes da História” cadastrado no Museu da Pessoa, nos quais destacamos não apenas o objetivo de produzir registros de história oral, mas contribuem sobremaneira para a autoestima dos sujeitos sociais que dele participam como depoentes. Trabalho como estes justificam o uso da História Oral em parceria com tratamentos psiquiátricos como nos caso de depressão.

² É o caso do projeto “Favela tem Memória” cujo objetivo é valorizar e fazer circular a memória dos moradores mais antigos das comunidades da Rocinha, do Cantagalo, do Alemão, da Cidade de Deus e da Maré, todas no Rio de Janeiro. Acesso ao projeto: <http://www.favelatemmemoria.com.br/>

³ Verificar o projeto “Brasil Memória em Rede”, uma iniciativa do Museu da Pessoa para formar “uma rede de instituições e pessoas que valorizam o uso da memória como ferramenta de desenvolvimento social

É possível a escola desenvolver projetos de valorização da memória e de história de vida, que possibilitem aos alunos conhecerem um pouco mais sobre a história dos locais onde vivem, sobre a comunidade escolar que frequentam, bem como refletirem sobre a sua própria história, buscando entender as relações entre o micro e o macro, o pessoal e o oficial, de tal modo que se reconheçam como sujeitos dessa história?

Acreditamos que muitas iniciativas já aconteçam ainda de modo não sistematizado. Os quatro encontros de formação dos professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, no eixo Tempo e Memória, transformou-se num fórum privilegiado para trocas de experiências e aprofundamento sobre atividades que se desenvolveram em suas escolas, utilizando recursos tais como fotografias, cartas, documentos de identidade, e, principalmente, da história de vida dos alunos e da comunidade em torno das escolas. As oficinas realizadas mensalmente tiveram um caráter introdutório para alguns professores, mas representaram para outros a oportunidade de problematização e organização de saberes construídos pela prática da sala de aula, que nem sempre é sistematizada, mas aborda princípios da história oral. Isto é, os professores que participaram deste projeto são unânimes em reconhecer a importância dos projetos de história de vida como objeto de estudo e prática educativa dentro da escola, como uma forma de produzir um maior interesse e participação de seus alunos, promovendo uma aproximação destes com o corpo docente e ainda ultrapassando os muros que dividem a escola da comunidade local. Os professores compreendem que através destes projetos é possível construir um saber que não priorize nenhum modelo prévio, mas que seja fundamentado na experiência da pesquisa. Nesse sentido é importante perceber que professores e alunos podem se transformar em produtores e objeto de pesquisa, numa clara percepção de que todos nós, pessoas comuns imersas na rotina cotidiana, somos sujeitos sociais importantes com funções e memórias que precisam ser conhecidas e valorizadas.

Partindo desse pressuposto, cabe ao professor coordenar e incentivar projetos cuja função seja promover a construção de registros de história de vida, os quais deverão levar em consideração a identidade de grupos, o conjunto de profissionais que fazem parte da

e cultural do país. Seu objetivo é fomentar o diálogo entre produtores, articuladores e usuários de conteúdos de memória para democratizar o uso e a prática da memória histórica do país.”
<http://www.brasilmemoriaemrede.org.br> .

comunidade, a memória dos mais velhos, as experiências e expectativas dos mais jovens, a constituição dos bairros, favelas e cidades, além é claro das linguagens, culturas, religiosidades e expressões artísticas da comunidade pesquisada. Assim, para Lucília de Almeida Neves Delgado (2006), nessa produção de documentos ocorreria uma ultrapassagem do tempo de vida individual e se alcançaria um tempo da história, essa não mais direcionada pelo discurso oficial, mas permeada por lembranças dos homens, das famílias, das comunidades. Pois,

“História, tempo e memória são processos interligados. Todavia, o tempo da memória ultrapassa o tempo da vida individual e encontra-se com o tempo da história, visto que se nutre de lembranças de família, de músicas e filmes do passado, de tradições, de histórias escutadas e registradas.” (DELGADO 17)

Segundo Lucília Delgado, a realização de projetos de história oral deve levar em consideração a existência de uma multiplicidade de tempos que se cruzam. Nós reconhecemos minimamente que num relato encontramos o tempo do indivíduo e sua experiência coletiva, com sua família, seu grupo, sua comunidade. Porém, no momento da realização da entrevista é ressaltado outro tempo, o da memória, carregado de não ditos, de silêncios, de sombras. E se não bastasse, todos esses tempos entrecruzados não podemos nos esquecer que do outro lado, o pesquisador-entrevistador também possui o seu próprio tempo com suas experiências e sua leitura do mundo. Equilibrar a convivência de tamanha diversidade de tempos é um dos desafios dos projetos de história oral, cujo papel seria a produção especializada de documentos que cruzem o tempo vivido com o tempo da produção da memória.

É necessário recuperar que a maior parte dos alunos do ERN e da EJA se caracteriza por trabalhadores (as) ou desempregados (as), mães e pais de família moradores urbanos de periferias vilas e favelas, em sua maioria negros (as) cujo acesso à escola se dá precariamente dentro da luta diária, e nem sempre vem acompanhada de um acesso a bens culturais e sociais. Suas expectativas em relação à escola são as mais variadas, mas esta deve lhes fornecer muito mais, para além de um simples acesso à escrita e à leitura, garantindo mais do que deve efetivamente significar o direito básico à educação, assim possibilitar-lhes reconhecerem-se como sujeitos sociais, com história, cultura e

identidade.⁴ Além das necessidades básicas da aprendizagem, a escola pode ser o único espaço possível para compreenderem quem são e valorizarem a comunidade a que pertencem e com isso atuarem por uma vida mais digna. Para isso, é necessário superar problemas relatados pelos professores em nossos encontros tais como a baixa estima, os conflitos entre gerações e principalmente a rejeição aos locais onde moram. Alguns alunos teriam mesmo uma postura de negar a existência de uma memória anterior ou exterior à vivência na escola. Para eles, seria melhor não lembrar o passado, ou ainda o ideal é não ter memória, pois essa está ligada a fracassos, entre os quais a impossibilidade de realizar os estudos quando ainda eram jovens. A história oral possibilita a cooperação entre os alunos e professores dentro de projetos coletivos nos quais a solidariedade é essencial, assim, juntos aprendem mais que um conteúdo e sim, passam a ser produtores de conhecimento. Sem dúvida esse é um passo para promover a auto-estima e a maior segurança dos envolvidos no projeto. Muda também o papel da escola, que não é mais uma instituição isolada, mas parte atuante da comunidade, em que o saber não chega mais de forma passiva, mas na atuação séria e comprometida de todos.

HISTÓRIA ORAL TAMBÉM É PRÁTICA DE REGISTROS

Durante nossos encontros ouvimos relatos de trabalhos desenvolvidos nas escolas, mas infelizmente, sem acesso a documentos, já que nem sempre os professores guardam ou divulgam o registro das inúmeras experiências resultantes dessa iniciativa. Alguns demonstraram mesmo dificuldades em relatar os trabalhos realizados. Também não existia na rede municipal uma política de registro e compartilhamento dessas práticas voluntárias dos professores. Os depoimentos apontavam iniciativas criativas com a experiência de relembrar em conjunto, de valorizar a memória de pessoas da comunidade, de promover a memória de famílias. Alguns produtos destas atividades tinham sido riquíssimos, como álbuns familiares ou comunitários, bordados e retalhos da memória, rodas da história, etc. A seguir, transcrevemos trechos de alguns relatos feitos por professores da rede municipal participantes da oficina, para ilustrar a compreensão dos

⁴ Sobre o perfil dos alunos da EJA consultar o texto: SILVA, Saint-Clair Marques; VIEIRA, Juliana et ali. Educação de Jovens e Adultos. Pontos para subsidiar a discussão. Referenciais Curriculares – Educação Básica, Escola Plural, PBH,2003.

professores para o trabalho que pode ser realizado com a abordagem da história oral em sala de aula.

Relato 1)

“(...) Tudo tem que ser feito dentro da própria escola, porque alegam falta de tempo para entrevistas e outros trabalhos extraclasse. (...) Os mais velhos se interessam muitíssimo, mas pedem que não se espalhe sobre a vida deles. Pedem reservas. (...) Tive boas e más experiências. Sempre faço no início do ano letivo, com os alunos do básico, a autobiografia; peço Xerox de documentos no trabalho, retratos, boletins, enfim, para que eles descrevam a memória em cima de provas oficiais de sua vida. Com alunos maiores isto é bem mais fácil, mas eles pedem que não mostre para outros colegas (os motivos são vários: eles têm vergonha dos retratos antigos, etc). (...)

E alguns anos atrás, quando trabalhei 5ª. Série, com menores do diurno, obtive um melhor sucesso. Todos participaram, comentaram e também verificaram que seus problemas eram mais ou menos iguais, viviam na mesma comunidade. E o interesse da turma também avançou de uma forma mais uniforme.” M. J. J.

Relato 2)

É possível o trabalho com a História Oral desde que o aluno esteja disposto a participar, se envolver, se mostrar, dado que a EJA tem recebido alguns adolescentes infratores de 15 e 16 anos, que lá estão por imposição da lei. Essa meninada precisa ser acolhida e trabalhada de forma diferenciada, com apoio de profissionais da Psiquiatria e Psicologia, se não, eles não ficam na escola.

Na minha escola, já fizemos algo semelhante, procurando resgatar a história da comunidade que já passou por todo um processo de avanço com relação a conquistas de infra-estrutura, abertura de ruas, iluminação, coleta de lixo, etc. Penso que é muito importante que se compare o antes e o depois, na perspectiva de ver o que mudou/ o que permaneceu, quem são os atores das mudanças, o que podemos fazer para ajudar etc.

Voltando às dificuldades encontradas, há também a questão de que nós, professores, não temos a clareza que eles têm do que é viver num ambiente como uma favela. Com todo aquele aglomerado, falta de conforto, invasão de privacidade, tráfico, impondo lei do silêncio etc.

(...)

Penso que é mais fácil fazer esse trabalho onde o sujeito associa as mudanças e permanências de seu entorno com suas experiências pessoais, com as mulheres e os homens mais velhos porque são

peessoas que vêm de uma trajetória de luta, ainda que seja luta só pela sobrevivência. São pessoas, portanto, que têm história para contar, onde o distanciamento de vivências traumáticas ou prazerosas é mais possível. A maturidade, a experiência têm um valor inestimável. (...) Para fechar, penso que é importante que a professora que vá fazer esse trabalho tenha o cuidado de ter suporte teórico não só quanto à História Oral, como também quanto à leitura de mundo, conhecimento das questões sociais, econômicas, políticas, etc, para não ficar só em questões pessoais, contação de 'causos'." M. M.S.

Relato 3)

"(...) Já fiz na minha escola um trabalho sobre a história da comunidade a partir dos alunos. Dividi a turma em grupos e cada grupo desenvolveu um tema. Os temas eram origem do bairro (com entrevistas a pessoas mais velhas do local), instituições locais (igrejas, centros de saúde, áreas de lazer, rádio favela – procurando saber o que faltava, o que melhorou) e história pessoal. Fiz tudo sozinha, sem interferências e ajuda dos outros profissionais educadores. Teria sido muito mais rico se tivesse a participação de todos. Tudo ficou engavetado." V.F.S.

Relato 4)

"O perfil dos nossos alunos têm mudado muito, a cada momento estamos recebendo uma clientela mais nova e mais envolvida com infração, com o tráfico. Certamente com esta clientela teríamos dificuldade de desenvolver este trabalho (História Oral): são infreqüentes, não se envolvem não querem participar. Com os demais alunos, os adultos e idosos, esses se envolveriam, pois são interessados e fariam uma descrição de suas vidas e até se surpreenderiam com a descoberta da própria importância para aquela comunidade. A auto-estima iria ficar lá no alto.

Uma experiência muito interessante vivenciada por todos nós foi a visita de todos os nossos alunos ao Museu de Artes e Ofícios. Principalmente os alunos mais velhos relacionaram aquelas peças em exposição a sua história de vida. Foi muito emocionante. Todos nós ficamos muito surpresos com a evolução do que está exposto com o que é usado hoje em dia." S.P.R.

Esses e outros relatos de professores são bastante expressivos para se conhecer as iniciativas que já se realizam nas escolas e, principalmente, as demandas para que a implementação da História Oral aconteça de modo complementar ao ensino de conteúdos e não pela substituição ou troca deles. Pode-se constatar que é um trabalho que precisa ser melhor compreendido, para que a partir dele até se investigue a extensão de sua

contribuição para os objetivos da educação em todos os segmentos, mas visto aqui com a particularidade da EJA.

A expectativa é que o trabalho com a memória, no espaço escolar, seja implementado como parte do processo de ensino-aprendizagem e possa contribuir para melhor compreensão da História oficial e seus vínculos com a história pessoal e de grupo, servindo, pois, como instrumento de análise crítica dos sujeitos na busca de melhores condições para viver o presente e projetar o futuro.

Existe uma lacuna de questionamentos aparentemente simples, no entanto fundamentais para que os princípios desse trabalho com a memória ganhe maior espaço dentre os modos de se desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, servindo para a construção de sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos, e principalmente, também se pode dizer, auxiliando a quem compartilha memórias, como base para viver plenamente o tempo presente e fazer pensar sobre as suas futuras ações.

No desenvolvimento das oficinas "tempo e memória" procurou-se discutir com os professores de que modo a história oral é uma metodologia de pesquisa que numa abordagem didático-pedagógica serve como um instrumento para se desencadear um processo de construção de conhecimentos além do espaço intraescolar. Fotos, quadros, histórias, cantigas, brincadeiras e "causos" compõem os momentos em que a história das pessoas e das cidades são narradas e tecidas pelos alunos, envolvidos numa atividade de investigação que parte do conhecido, do vivido, sem se esgotar nele. Esse envolvimento dos alunos em projetos de história oral pode muito bem servir para a promoção de novas formas de relação entre a escola e a comunidade onde ela está situada. Uma melhor compreensão dos modos como se trabalhar com a história oral na escola é definir dentre seus objetivos a ampliação da interação entre todos os envolvidos, permitindo a construção de uma nova forma de trabalho dos professores e de uma relação muito mais estreita entre as pessoas da comunidade e a escola. A aula que se inicia, retirando um texto do baú, lembranças de anos idos, ensina sobre origens, começo de história de pessoas.

Procurando respeitar as peculiaridades de cada escola, cidade e professor, as oficinas trataram de mostrar a viabilidade do registro de histórias de vida, refletindo com os

professores sobre os significados de atividades que ultrapassam o espaço/tempo escolares como o armazenamento de depoimentos, fotografias, documentos, desenhos, gravações em áudio e vídeo sobre a história de vida de alunos. Essas atividades, inspiradas nos trabalhos do Museu da Pessoa⁵, são, também, na sala de aula, a realização dos objetivos do ensino da língua de promover as práticas da leitura e da escrita em situações reais de uso, pois elas conduzem os alunos para o lugar de autoria. Professores e alunos podem vivenciar o prazer de ler/escrever que não se presta a fins avaliativos, mas como instrumentos para a construção dos arquivos memorialísticos da sala de aula.

Produzir narrativas, revelando a autobiografia e/ou a de outrem; descrever para identificação de fotos e outros documentos; transcrever entrevistas, reconhecendo e aprendendo a respeitar as diferenças entre fala/escrita; usar as novas tecnologias para a produção de novas formas de dizer, como o videodocumentário; questionar, inferir, relacionar em textos orais e escritos, tudo isso faz parte de um processo de trabalho com a história oral, a ser melhor explorado nas escolas. Assim como é princípio fundante do Museu da Pessoa, em São Paulo, que "todas as pessoas participam e fazem história", com as oficinas "Tempo e Memória" procurou-se propiciar aos professores refletirem sobre as possibilidades para melhor desenvolverem um ensino, independente da disciplina, que propicie aos alunos assinarem a autoria da narrativa da própria história, constituindo esse fazer um passo fundamental para a construção da cidadania atual e futura dessas pessoas.

A MEMÓRIA DOS TRABALHOS DE SALA DE AULA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES

As oficinas apresentaram a história oral como metodologia de trabalho, mas dado seu curto prazo de duração, quatro encontros, deixaram sem resposta aos professores como acessar um maior suporte, ao longo de todo o processo de desenvolvimento de projetos. Elas foram então o primeiro passo no processo de formação, esperando que este continuasse como um acompanhamento contínuo e qualitativo, em que se garantisse encontros de professores, ao longo e ao fim de atividades diretas com os alunos, para troca de experiências, envolvendo o planejamento, a discussão e o progressivo

⁵ Acesso ao Museu da Pessoa, museus virtual de história de vidas, é <http://www.museudapessoa.net/>

conhecimento do trabalho com a história oral, buscando então garantir a ligação dessa proposta de trabalho com os conteúdos curriculares, feita pelos próprios professores na sala de aula. Em um projeto de acompanhamento extensivo das atividades com alunos e professores no trabalho com a história oral, o importante é que eles determinem os temas que todos gostariam de pesquisar.

Esses temas escolhidos podem ser tomados a partir daqueles já previamente definidos no plano da escola, como por exemplo, ao trabalhar "história das cidades", colher depoimentos sobre a origem do bairro onde moram, suas praças e as mudanças dadas por construções pessoais e governamentais. O processo de pesquisa segue com a discussão do roteiro do que se quer saber, levantamento de pessoas a entrevistar, encontro dessas pessoas com os alunos e professores dentro da escola, gravação das entrevistas e, finalmente, a criação de textos e desenhos pelos alunos. Publicações e/ou exposições de todos esses materiais produzidos ao longo do projeto - entrevistas, textos, desenhos e diários dos alunos são os resultados imediatos desse tipo de trabalho.⁶ Além disso, um Centro de Memória da Educação de Jovens e Adultos começa a se desenhar naquele momento, construindo simultaneamente, por certo, nova mentalidade de sujeitos que assumem sua própria voz que reflete a riqueza do próprio processo de construção de conhecimento.

A proposta de um Centro de Memória da Educação de Jovens e Adultos foi uma de nossas proposições com melhor acolhida entre os professores cursistas, porque reconheceram nessa construção um modo concreto de se garantir a visibilidade de trabalhos escolares que muitas vezes ficam restritos à sala de aula, guardados nos armários de professores ou nas bolsas de alunos, sem se tornarem conhecidos até mesmo para outros colegas dentro da própria escola. É também o reconhecimento da escola como um lugar de memória, onde o conjunto de lembranças do cotidiano escolar, da infância, da adolescência, de festas, dos projetos, das viagens, da vida de diversos profissionais, se constituem em vasto objeto de pesquisa, com um também vasto acervo de documentos a serem pesquisados e preservados.(CORTEZ;SOUZA,2004)

⁶ Veja interessantes projetos desenvolvidos por escolas pelas sites: Projeto Nossa Escola tem História <http://www.museudapessoa.net/MuseuVirtual/colecao/colecaoHome.do?action=verHome&key=109> e projeto Histórias da nossa terra <http://www.historiasdanossaterra.com.br/> ou ainda Tempos na Escola http://www.museudapessoa.net/historias/historias_temposdeescola.shtml .

O Centro de Memória da Educação de Jovens e Adultos poderá ser então, um espaço que tanto pode ser físico quanto virtual, onde os projetos, os processos de realização e seus produtos são arquivados, constituindo saberes de professores e alunos abertos à visitação pública, ao diálogo com sujeitos diversos, à valorização de fazeres e, à própria afirmação dos propósitos da história oral de garantir o trabalho da memória unindo diferentes lembranças, reconstituída sobre uma base comum. Não é um museu, como tradicionalmente é concebido, mas um meio de preservação da memória em rede, que permita os sujeitos interagirem entre si e com o conhecimento em seu próprio tempo de realização. Esse Centro pode ser um meio de organizar, sistematizar, transformar o conhecimento produzido em sala de aula, ampliando à Educação de Jovens e Adultos, o reconhecimento de suas especificidades, desafios e avanços ao longo de vários anos, e mais que tudo, dando aos sujeitos escolares o lugar de reconhecimento na história da qual participam como autores e atores, uma vez que tudo ali estará arquivado mediante as suas próprias palavras. Infelizmente nos últimos anos a ERN e a EJA passaram por um processo crescente de cortes e desestruturação, o que certamente contribuiu para que esta idéia não fosse levada adiante, mesmo sendo um caminho significativo para a produção de conhecimento escolar e de formação continuada de professores através do trabalho colaborativo.

Alguns exemplos podem ilustrar, e ao mesmo tempo justificar, a necessidade de um Centro de Memória da EJA, por hora terminamos relatando o caso do projeto desenvolvido pelo professor de história e geografia Elair Sanches Dias, na Escola Municipal Wladimir de Paula Gomes. Atuando numa comunidade heterogênea tanto no que diz respeito à idade quanto ao domínio da leitura e da interpretação, o professor Elair procurou desenvolver noções elementares de cartografia, territorialização e alfabetização cartográfica com seus alunos. Cada um foi orientado, mediante noções desenvolvidas durante as primeiras aulas do conteúdo, a produzir uma narrativa identificando o local de moradia e os aspectos significativos de seu deslocamento deste até a escola. O produto final do trabalho seria um croqui e um mapa nos quais cada aluno apresentaria, via legenda, os espaços de arruamento e de significado no deslocamento da residência ou do trabalho até a escola. O projeto foi orientado através de aulas expositivas sobre concepção de mapas, escalas, legendas, memória de lugares, paisagem natural e cultura, além do

desenvolvimento de territorialização, o que acabou tendo um bom resultado. Segundo o professor:

“Os objetivos foram quase que totalmente alcançados, pois todos fizeram e tiveram o seu trabalho apreciado por outros alunos e professores. Na avaliação escrita do trimestre (prova) o projeto foi avaliado em duas questões, sendo uma dissertativa da experiência e outra de alguns itens de identificação de um croqui e mapa até então desconhecido, através do qual vários itens de cartografia foram avaliados.” (depoimento do prof. Elair)

Apesar da experiência do Professor Elair ter sido uma iniciativa solitária, é o retrato de que um bom projeto, mesmo realizado no voluntarismo docente, sem parcerias que lhe possibilitariam maior abrangência e maior apoio. Ele promove um movimento dentro da escola, e principalmente junto aos alunos-participantes e seus colegas que muito significa no processo de ensino-aprendizagem. Nele os alunos contaram um pouco sobre sua rotina, tiveram tempo de observar e identificar o seu espaço urbano, construindo um mapa geográfico e sentimental da cidade em que vivem. Juntos, professor e alunos viveram a experiência de construir conhecimento e ao mesmo tempo compartilhar memórias.

Bibliografia (utilizada e indicações de leitura)

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral 2ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 236 p. Disponível on line:

<http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf>

_____. Ouvir Contar. Textos em História Oral. RJ: Ed. FGV, 2004.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos & Abusos da História Oral. 5ªEd. RJ: FGV, 2002.

BENJAMIN, Walter. Rua de Mão única. 5ªed. SP: Ed. Brasiliense. 1995. (Obras Escolhidas III).

_____. Magia e Técnica, Arte e Política. 7ª Ed. SP: Ed. Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas I).

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. 3ª Ed. SP: Cia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória. 2ª Ed. SP: Ateliê Editorial, 2003.

---. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. 3ª Ed. SP: Companhia das Letras, 1994.

BRONCKART, Jean-Paul (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZÁLEZ, Maria Fernanda. (org.) Ensino da História e Memória Coletiva. Porto Alegre: ARTMED, 2007.

CORTEZ, Maria Cecília; SOUZA, Cristiano de. A Escola e a Memória. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2004.

DAYRELL, Juarez. (org.) Múltiplos olhares sobre a Educação e cultura. BH: ED. UFMG, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História Oral. Memória, Tempo e Identidades. BH: Autêntica, 2006.

DERRIDA, Jacques. Mal de Arquivo. Uma Impressão Freudiana. RJ: Relumê Dumará, 2001.

ELIAS, Norbert. Sobre o Tempo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

EVANGELISTA, A. A. M.; Carvalho, G. T.; Leal, L. V. F.; Costa Val, G.; Starling, M. H. A. R. & Marinho, M. (1998). *Professor - leitor, aluno - autor: reflexões sobre a avaliação do texto escolar*. Cadernos Ceale, vol. I III, Ano II.

FELIX, Loiva. História e Memória. A problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupef, 1998.

HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. SP: Vértice, 1990. 189p.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-modernidade. 4 ed. RJ: LP&A, 2000.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4ªEd. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. 5ªed. SP: Loyola, 2005.

MIRANDA, M. M. A. (1995). A produção de texto na perspectiva da teoria da enunciação. *Presença Pedagógica*, n. 1, p. 18-29.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral e Memória. A cultura popular revisitada. 6ª Ed. SP: Contexto, 2007.

MIRANDA, Sonia Regina. Sob o Signo da Memória. Cultura Escolar, Saberes Docentes e História Ensinada. SP: UNESP; Juiz de Fora: EDUFJF, 2007.

NORA, Pierre. Lês Lieux de Memoire. Paris: Gallimard, 1984.

NOVAIS, Adauto. Tempo e História. SP: Cia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. A palavra e o reencantamento do mundo. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. História Falada. Memória, rede e mudança social. SP: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. pg. 45 a 47.

SMOLKA, Ana Luíza Bustamante, A Memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural. *Revista Educação & Sociedade*, ano XXI, nº 71, julho/00. <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n71/a08v2171.pdf> em 10/08/2008.

THOMPSON, Paul. A Voz do Passado. História Oral. RJ: Paz e Terra, 1992.

_____. Histórias de Vida como Patrimônio da Humanidade. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. História Falada. Memória, rede e mudança social. SP: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. pg. 17 a 43.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, pg. 03-15. <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf> em 10/08/2008.

REIS, José Carlos. Tempo, História e Evasão. Campinas, SP: Papirus, 1994.

WHITROW, G. J. O Tempo na História. Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias. RJ: Jorge Zahar Ed., 1993.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. História Falada. Memória, rede e mudança social. SP: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 280p.